

“JUVENTUDE E BELEZA AO ALCANCE DE TODAS”: ANÁLISE DOS DISCURSOS MIDIÁTICOS SOBRE O CORPO FEMININO

Carolina Chagas KONDRATIUK⁴³

Marcos Garcia NEIRA⁴⁴

Resumo: O estudo desvelou as concepções de corpo contidas nos discursos midiáticos endereçados ao público feminino por meio da identificação das relações sociais envolvidas em sua construção. Foram analisados *slogans* e chavões veiculados pela mídia brasileira contemporânea mediante o confronto com a teorização cultural. A concepção do discurso como parte constitutiva e criativa da realidade justifica e dota de sentido uma análise do que é veiculado acerca do corpo desejável na atualidade. Foi possível desnaturalizar as representações de juventude e beleza apresentadas como vinculadas, neutras e atemporais, evidenciá-las como fenômenos discursivos e denunciar os movimentos de homogeneização e diferenciação que elas suscitam.

Palavras-chave: Corpo. Cultura. Mídia. Discurso.

Abstract: *This study unveiled the concepts of the female body contained in the media discourses addressed to women, by identifying the social relations involved in its construction. The slogans and clichés broadcasted by the Brazilian media today were analyzed through the confrontation with cultural theorization. The conception of discourse as a constitutive and creative part of reality justifies an analysis of what is broadcasted about a desirable body at the present. It was possible to denaturalize the representations of youth and beauty presented as linked, neutral and timeless, highlighting them as a discursive phenomena and report the generated movements of homogenization and differentiation.*

Keywords: *Body. Culture. Media. Discourse.*

⁴³ Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da USP (FEUSP), São Paulo (SP), Brasil, carolinakondratiuk@hotmail.com

⁴⁴ Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada da Faculdade de Educação da USP (FEUSP), São Paulo (SP), Brasil, mgneira@usp.br

Introdução

“Se ouvir alguém comentar que você não aparenta a idade que tem, saiba que você tem um motivo a mais para comemorar - isso pode significar que você terá uma vida mais longa”⁴⁵. Eis o início da matéria intitulada “Aparência jovem pode significar uma vida mais longa”, publicada em uma revista semanal de grande circulação. O texto versa sobre pesquisas científicas que relacionam aparência jovem e genes mais longos, que significariam mais anos de vida. O conteúdo vincula a aparência jovem a conceitos que transcendem a estética, como a saúde, a longevidade e o bem-estar. A busca pela beleza na sociedade contemporânea mostra-se amparada na relação intrínseca entre mídia e ciência. Conclamada a explicar e subsidiar, a ciência oferece diversas tecnologias da beleza, como as técnicas de cirurgia plástica, visando à conquista ou manutenção da jovialidade corporal. Tais avanços são sempre noticiados com destaque. Trata-se da “beleza em comprimidos e em potinhos”⁴⁶, oferecida por suplementos e cremes que prometem lutar contra o envelhecimento, das “dietas saudáveis” e dos “benefícios da malhação” exaustivamente ressaltados pelos meios de comunicação de massas. Paradoxalmente, tanto menos visíveis os aspectos artificiais de tais intervenções, maior o seu sucesso e eficiência, já que a beleza almejada aparece diretamente vinculada à naturalidade da juventude. Afinal, de qual naturalidade e da juventude de quem se está falando? Como os padrões são estabelecidos?

O presente estudo procura desvelar as concepções de corpo, beleza e saúde contidas nos discursos midiáticos endereçados⁴⁷ ao público feminino, identificar as relações sociais envolvidas em sua construção e alertar para as reações de homogeneização e diferenciação que provocam. Para tanto, a partir da teorização cultural⁴⁸, foram analisados e discutidos alguns dos *slogans* veiculados.

⁴⁵ Edição digital da Revista *Veja*, Seção Medicina, Saúde. 14 de dezembro de 2009.

⁴⁶ Referência a títulos da coluna “Espelho meu”, de autoria de Lucia Mandel, publicada semanalmente na Revista *Veja*, em que são apresentadas novidades em tratamentos estéticos.

⁴⁷ Embora reconheçamos que os homens estão sujeitos ao mesmo fenômeno, a análise do material publicado durante o ano 2009 verificou que a mulher vem sendo transformada no público-alvo preferencial dos produtos midiáticos que abordam as questões corporais.

⁴⁸ Embora a teorização cultural abarque os debates provenientes de diversos campos do conhecimento, no presente estudo recorreremos prioritariamente ao pós-estruturalismo e aos Estudos Culturais.

A centralidade da cultura na atualidade

A revolução cultural do século XX, com a expansão dos meios de produção e circulação de informação, provocou importantes mudanças nas culturas do cotidiano. Ampliou-se significativamente a influência da mídia nos aspectos mais rotineiros, estenderam-se as ações de consumo para diversos setores da população, além da socialização distanciada de modos de vida. A fronteira entre a vida pública e a privada foi borrada, havendo uma invasão da tematização, exibição e elucidação de práticas até então restritas à esfera da intimidade. Tal revolução, que atribui à cultura um papel de centralidade, “é um elemento chave no modo como o meio ambiente doméstico é atrelado, pelo consumo, às tendências e modas mundiais” (HALL, 1997, p.22). Dessa forma, as informações veiculadas pela mídia causam impacto relevante sobre os modos de vida locais, colocando-os em constante relação com o global.

Existe um importante aprofundamento do papel da cultura na formação da identidade e subjetividade. O que os indivíduos assumem como identidades são, na óptica dos Estudos Culturais, produtos de práticas discursivas. Segundo Hall (1997, p.37), as identidades “são resultado de um processo de identificação que permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles)”. Goellner (2003, p.29) segue esse raciocínio. “Um corpo não é apenas um corpo... é também o que dele se diz”. É a linguagem que institui o que pode ser considerado um corpo belo, jovem e saudável. “Representações estas que não são universais nem mesmo fixas. São sempre temporárias, efêmeras, inconstantes e variam conforme o lugar/tempo onde este corpo circula, vive, se expressa, se produz e é produzido” (p.29).

A presença da cultura em todas as esferas da sociedade e sua decorrente penetração na vida privada faz com que as lutas por poder sejam cada vez mais simbólicas e discursivas. A regulação da cultura ganha importância na medida em que influi nas práticas sociais cotidianas. É interessante notar que as prescrições sobre o corpo feminino insistentemente divulgadas pelos meios de comunicação, os espelhos espalhados pelos *shopping centers*, a numeração restrita das vestimentas em exposição e a modelagem das peças em alta na moda garantem um controle exterior para que aquele que estiver fora dos padrões seja constantemente lembrado disso. A ação da cultura na formação das identidades, como se pode notar, é acompanhada por instrumentos de controle externos e, uma vez que os indivíduos são convencidos, tornam-se também internos.

É importante esclarecer que não se trata de uma teoria conspiratória e reducionista, segundo a qual um grupo regula a cultura para, por meio dela, regular a sociedade. Foucault (1993) desvincula, a partir do século XVIII, o conceito de poder da ideia de dominação ou imposição violenta de regras pelas quais instituições e aparelhos sujeitariam um dado grupo a outro. No lugar dessa relação dual, o autor introduz uma concepção de poder enquanto trama complexa de relações móveis, em constante transformação, já que inseridas em um jogo de lutas. O poder é entendido, portanto, de forma relacional e dinâmica, e não estática e dual. Nesse prisma, a produção de saberes está diretamente ligada a relações de poder. Não existe um discurso dominante e outro excluído, mas sim, um emaranhado constituído por inúmeras relações.

Para Foucault (1986), os discursos não podem ser vistos meramente como descrição das coisas, mas “como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (p.56). O discurso não apenas nomeia as coisas, ele cria coisas. É o caráter produtivo do discurso que possibilita sua estreita relação com o poder. São as relações de poder que definem o que deve ser dito e como deve ser dito. É a estreita relação entre o discurso e o poder que coloca em movimento efeitos de poder. Mais do que descrever fatos sobre a realidade, tal relação constrói a realidade. O discurso, permeado pelo poder, torna as coisas verdadeiras.

Foucault (1999) dispensou atenção especial à maneira como, na sociedade capitalista, o poder se investiu no corpo para torná-lo dócil, controlado e conhecido. Isso somente é possível porque, na visão do autor, o corpo é construção social, cultural e histórica. É produzido no interior de experiências, por meio de determinadas relações, num dado contexto e de uma forma específica.

Interpretando a contemporaneidade, Hall (1997) afirma que os mecanismos que regulam a cultura nas sociedades modernas tardias obedecem a dois movimentos contraditórios: a desregulação e a retomada da regulação pelo Estado. O primeiro consiste no movimento desencadeado após a Segunda Guerra Mundial, de substituição da regulação pública pela privada, ditada pelas leis do mercado. É sabido que o mercado não equivale à liberdade, e que seus movimentos também demandam órgãos reguladores. A cultura passou da regulamentação pelo Estado para o controle pela mão do mercado. Todavia, é possível observar uma tendência à retomada de regulação da cultura pelo Estado no tocante a temas como sexualidade, família e violência. Tal tentativa não ocorre sem conflitos entre liberdade de escolha e expressão, de um lado, e disciplina e moralidade, de outro. Não se trata de uma regulação por coerção, mas sim por arranjos de poder discursivos ou simbólicos.

Identidade, diferença e o poder dos discursos

Foucault (1999) nos lembra de que o poder não é algo fixo, não parte de um centro, nem tampouco é algo externo que possa ser tomado. O poder se encontra em toda parte, nas relações e nos modos que regulam o comportamento das pessoas. O poder age de modo que aquele que a ele se submete o compreenda como necessário, como natural. É o poder que define o que são as coisas; o poder se exerce, ele só existe em ação.

Na argumentação foucaultiana, não é possível analisar e criticar o poder sem estar envolvido com ele. O poder é interdependente do conhecimento (o saber), pois o saber está imbricado no modo como se estrutura e regula o comportamento daqueles que se encontram submetidos ao poder. O saber é o condutor do poder. Onde há saber, há vontade de poder. É o saber que naturaliza o poder de modo que haja consentimento de todos os envolvidos na sua trama. Saber e poder não são a mesma coisa, são dois lados do mesmo processo. No interior das relações de poder, em toda a trama social, todos estão envolvidos, todos são ativos, ninguém está isento das relações saber-poder. Então, a questão principal passa a ser o como se exerce o poder.

O saber-poder está presente em discursos, leis, estruturas arquitetônicas, instituições, meios de comunicação, entre outros dispositivos, que determinam o modo como são definidos os significados. Não existe poder sem saber. É exatamente isso que dá relevância ao conceito de discurso formulado por Foucault (1992). Para o filósofo francês, o discurso fabrica os objetos sobre os quais se fala, criando efeitos de verdade sobre o que se fala e efeitos nos sujeitos que falam e sobre os quais se fala. Os discursos influenciam o modo de compreender a realidade, pois é por meio deles que os significados são produzidos, circulam e são validados. Os discursos, ao criar regimes e efeitos de verdade, autorizam quem pode falar e o que se pode falar, normalizam os modos de ser, o que é certo e o que é errado, o que pode e o que não pode ser feito na sociedade.

O poder está descentrado e esparramado em qualquer relação que compõe e constitui a teia social. Onde há relação, existe disputa pela validação dos significados. Trata-se de saber-poder. O poder marca as relações de identidade, quer sejam de etnia, gênero, classe, sexualidade, idade, profissão, locais de moradia ou estética corporal. O poder está imbricado em toda e qualquer relação. O que se discute são as formas de democratizá-lo. Afinal, os sujeitos pensam e agem em conformidade com a complexidade do contexto sócio-histórico, dos sistemas simbólicos nos quais estão inseridos e em meio à luta contínua pela significação da qual participam, uma luta por saber-poder.

O sujeito, nesta perspectiva, é fruto da linguagem, não possuindo nenhuma propriedade essencial ou originária. Só existe como resultado de um processo de produção histórica, cultural e social (SILVA, 2007). É o saber-poder que está na origem do processo pelo qual alguém se torna um determinado tipo de sujeito. O indivíduo não é dotado de uma identidade prévia, original. Ele constrói sua identidade a partir dos aparatos discursivos e institucionais que o definem como tal. Não há como, portanto, negligenciar o papel dos discursos em circulação na constituição do sujeito.

Derrida (2002) amplia o papel da linguagem ao apontar seu papel fundamental na formação da identidade. Devido à sua proximidade e interioridade, a linguagem é a expressão imediata do “eu”, da subjetividade e, conseqüentemente, da consciência. Não como espelho ou mimese da realidade, mas sim, do modo com que se estabelece o contato do mundo com o indivíduo e deste com aquele. É o caráter produtivo da linguagem e do poder que definem tanto o que as coisas são como quem são os sujeitos.

Sinteticamente, a identidade pode ser vista como o conjunto de características que afirmam quem “nós” somos e quem são os “outros”. A identidade define quem é o sujeito e ao mesmo tempo quem o sujeito não é. A identidade – aquilo que “nós” somos – é uma construção discursiva tanto quanto a diferença – aquilo que “nós” não somos.

A identidade é construída pelo grupo. A fim de marcar quem pertence ou não, recorre-se a diversos dispositivos linguísticos. Aquele que não apresenta as mesmas características é visto como diferente. Identidade e diferença são produções discursivas permeadas por relações de saber-poder que definem quem é a norma, o idêntico, e marcam fronteiras entre quem deve ficar dentro (nós) e quem não deve (eles). Identidade e diferença só podem ser compreendidas no interior do sistema de significação, no qual adquirem sentidos. Essa construção é uma questão de poder, é uma questão política.

A identidade e a diferença, enquanto produtos da cultura e dos sistemas simbólicos que as compõem, não são fixas. Mostram-se indeterminadas e instáveis, tal qual a linguagem que as produziu. O significado não está no objeto e nem tampouco coincide com ele. O significado está no significante apenas como traço. Sua suposta presença é uma ilusão que faz com que o signo funcione em um sistema de comunicação, independentemente da presença de quem o validou. Nos discursos, qualquer elemento que funcione como signo remete a um outro elemento que não se encontra presente, isto é, cada signo traz o rastro de outros signos (DERRIDA, 2001).

O significado não é fixo. É extremamente móvel, instável, conforme o lugar de quem o emite e de quem o interpreta, ou seja, o contexto sociocultural que o produziu. O processo de significação

nunca é uma operação de correspondência, é um processo de diferenciação (SILVA, 2003). O signo se caracteriza pelo constante adiamento da presença de um significado e pela diferença que ele estabelece com relação a outros signos.

Se o sujeito é governado pela internalização dos signos sociais, encontra-se em meio a um emaranhado cultural e mergulhado na linguagem, é certo dizer que se torna dependente de uma estrutura incerta, o que o impede de determinar o significado das coisas. Essa indeterminação do processo de significação apresenta consequências para a identidade e para a diferença, pois ambas são marcadas pela instabilidade. Ambas não podem ser fixadas, determinadas. Ambas estão sempre em processo.

O significado está sempre em ação, em um processo permanente de significação. Daí se depreende que o processo de significação nada mais é que um processo de diferenciação. Em função disso, o diferente é tudo o que não é semelhante a um determinado significante, abstraído de um significado imposto culturalmente. Pelo mesmo motivo, a identidade é tudo o que tem semelhança com o significante escolhido. Consequentemente, não existem significados verdadeiros ou falsos, dado que decorrem dos significantes validados como correspondentes ao significado, o que mais uma vez denuncia uma relação de saber-poder. É o caso de atributos conferidos aos corpos dos sujeitos, não são essências, não se tratam de signos cujos significados estão arbitrariamente presos a um significante. São categorias discursivas nas quais operam formas de exclusão: o magro, o bonito, o desejado. O valor substantivo dessas identidades não pode ser essencializado, mas, sim, sobredeterminado em termos relacionais, pois não existe nada fora do jogo da diferença. O que existe são efeitos de diferença. (SILVA, 2003)

Mediante as contribuições de Foucault, Derrida e Silva, pode-se dizer que os conteúdos veiculados pelo discurso midiático encontram-se diretamente ligados ao poder. Ao colocar em circulação determinados significados sobre o corpo feminino, a mídia valida certas estéticas, constitui identidades específicas e desqualifica as demais. Os autores não nos deixam esquecer a inexistência de significados essenciais ou imprescindíveis, todos emergem dos embates promovidos pelos setores que objetivam legitimar ou desqualificar uma determinada condição. Ora, se todo e qualquer discurso é contextual e transitório, é possível e desejável contestar a predominância de certas representações de corpo feminino no discurso das mídias e a ausência ou esquecimento de outras.

O corpo, enquanto objeto de discursos midiáticos, torna-se produto dessa trama linguística que supostamente o descreve. Ao tratar do corpo feminino, a mídia produz noções particulares a seu

respeito, engendrando formas pelas quais as pessoas passam a compreender, tratar, agir e se relacionar com a corporeidade.

Os discursos sobre o corpo jovem e belo

Quando se analisa o discurso, não se busca a verdade última. É preciso ficar no nível de existência das palavras e no discurso em sua complexidade (FOUCAULT, 1986). Se quisermos compreender quais corpos possuímos, teremos que analisar as peculiaridades históricas de surgimento dos discursos sobre o corpo aos quais nos submetemos, bem como as tensões, contradições e diferenças neles envolvidos, trazendo à tona a heterogeneidade subjacente. De acordo com Fischer (2001), analisar o discurso é dar conta das relações e das práticas concretas envolvidas. No presente estudo, isso significa abordar os textos midiáticos como produções históricas e políticas, tomando as palavras como construções e lembrando que a linguagem é constitutiva das práticas. Dessa forma, será possível entender um pouco mais acerca das redes de poder e saber que produziram os significados socializados.

O estilo de vida da mulher de cinquenta anos tipicamente moderna tinha como elemento central a conformação com o papel de esposa, dona de casa e mãe, sempre acolhedora e receptiva, retrato da passividade (BASSANEZI, 2000). A tradição, ao mesmo tempo em que dava segurança, impunha um preço: a renúncia a qualquer projeto individual em prol da preservação da imagem da família. Acompanhando a lógica neoliberal, a mulher pós-moderna paga o preço de ter rompido a tradição. Livre do seu antigo papel, submete-se às demandas do mercado, cada vez mais insegura e solitária. A consequência é o ingresso no território da competitividade. Na pós-modernidade, a mulher de cinquenta anos frequenta as arenas de competição pela propriedade privada do ser amado ou pelo prazer individual. Trata-se de um novo contexto, em que a imagem adquire um grau superlativo de importância. Aqui, a busca pelo corpo sempre jovem e belo apenas reverbera o que ocorre na esfera mais ampla. Um quilo a menos ou uma ruga a menos poderão representar minutos a mais de prazer e satisfação simbólicos. Tal é o teor dos discursos proferidos sobre o corpo feminino e tais os valores que lhe são agregados. Se os discursos conferem atributos positivos à magreza e à pele lisa, justificam-se quaisquer sacrifícios para alcançá-los.

As novas demandas em relação ao corpo suscitadas pela urbanização que caracterizou a modernidade foram ampliadas na pós-modernidade. A silhueta exigida corresponde aos discursos do corpo ágil, produtivo e sempre jovem (SANT'ANNA, 2001). Tudo isso decorre, como diria Soares

(2004), de uma nova função assumida, a de cartão de visitas. A mídia – através de meios de comunicação bastante populares como revistas sobre saúde e corpo, documentários e programas de entretenimento que abordam as temáticas da beleza, sexualidade e saúde – veicula imagens sobre o corpo feminino em boa forma, apoiadas no discurso científico. São veiculados muitos significados por meio de enunciados como “Eu consegui! Perdi 35 kg e ganhei prazer em me cuidar”⁴⁹, ou “Com procedimentos estéticos modernos, a missão (do programa) ‘10 Anos Mais Jovem’ é rejuvenescer uma pessoa que, [...], por um motivo ou outro, deixou de se cuidar”⁵⁰.

Técnicas corporais não são, é evidente, exclusividade da pós-modernidade. São inúmeras as práticas corporais realizadas em diferentes sociedades, localizadas em diversos espaços geográficos e momentos históricos, que pretendiam moldar o corpo segundo seus padrões ideais. O fato novo na pós-modernidade é a tentativa de conciliar, mediante a profusão discursiva, as tecnologias do corpo e a naturalidade. A questão fundamental é naturalizar uma identidade jovem e bela com o apoio de recursos tecnológicos. O cirurgião plástico entrevistado pela Revista *Veja* em edição especial dedicada à longevidade⁵¹, dita as regras dos novos tempos: “a tendência atual da plástica é a naturalidade. Ninguém mais quer ficar com o rosto totalmente repuxado. O ideal é parecer mais jovem, mas não negar totalmente a idade” (p.110).

⁴⁹ Revista “Boa Forma”, abril de 2009. Disponível em <http://boaforma.abril.com.br/eu_consegui/historias-de-sucesso/perdi-35-kg-ganhei-prazer-me-cuidar-506599.shtml> Acesso em 12 jan. 2013.

⁵⁰ “10 Anos Mais Jovem”. Disponível em <<http://www.sbt.com.br/dezanosmaisjovem/>>. Acesso em 12 jan. 2013.

⁵¹ Revista *Veja*, Edição especial “Longevidade, como viver mais e melhor”, Edição 2121 de 15 de julho de 2009.

LONGEVIDADE • ENTREVISTA

A hora certa da plástica

O cirurgião plástico Robert Rey, nascido em São Paulo há 47 anos, é dono de uma clínica em Los Angeles e faz sucesso na TV americana com um programa do tipo reality show sobre medicina estética, o *Dr. 90210*. Nesta entrevista à subeditora Gabriela Carelli, ele diz por que os procedimentos feitos na juventude adiam a necessidade de cirurgia plástica na maturidade.

A cirurgia plástica ainda é o melhor recurso para quem quer ter uma aparência jovem depois dos 50 anos?
Ao contrário do que acontecia há vinte anos, hoje a plástica não é a única solução para conseguir uma aparência mais jovem. É uma opção. Há inúmeros tratamentos dermatológicos que promovem melhora significativa da aparência e previnem o envelhecimento, postergando a necessidade de uma intervenção cirúrgica. Um exemplo é o laser usado para enrijecer a pele do pescoço, que se torna flácida com a idade. Se utilizado numa pessoa mais velha, já com alto grau de flacidez, o resultado não será tão bom quanto o da cirurgia. Mas, se o procedimento começa a ser feito aos 20, 30 anos, é bem possível que essa mesma pessoa nunca precise se submeter a tratamento cirúrgico. O mesmo acontece com quem usa Botox e faz preenchimento com ácido hialurônico desde cedo. Algumas dessas substâncias paralisam os músculos e evitam a formação de rugas profundas. No entanto, se o objetivo é prolongar as feições da juventude, a primeira coisa a fazer é adotar um estilo de vida saudável, evitar o cigarro, o café, exercitar-se e alimentar-se bem.

Fazer plástica demais pode ter um efeito contrário, ou seja, deixar a pessoa com uma aparência envelhecida, em vez de mais jovem? Sem dúvida.



Na sua opinião, as pessoas estão fazendo plásticas demais sem necessidade? Sim. Há uma espécie de loucura coletiva em torno da plástica. As mulheres querem fazer tudo e pagam o que for preciso, mesmo sem precisar de um renouveau sequer. O que começou a salvar o mundo desse frenesi em torno da aparência foi a crise global. As pessoas foram obrigadas a pensar sobre o destino do seu dinheiro e também a refletir sobre o que estavam fazendo com o seu corpo. Bom para o bolso e para a saúde.

Quais avanços nas técnicas de cirurgia permitiram rejuvenescer rostos envelhecidos sem torná-los artificiais? Inúmeros. Não é possível sequer comparar a plástica de hoje com a de quinze anos atrás. É como se fossem duas práticas médicas distintas. É só lembrar as lipossuções que deixavam ondulações e, muitas vezes, deformavam o paciente em vez de torná-lo mais bonito. Quem fazia a cirurgia clássica de rosto, puxando para cima tudo o que havia caído com a idade, ficava com uma cicatriz enorme no couro cabeludo. A aparência era estranhíssima e denunciava quem tinha feito o procedimento. Hoje, é possível esticar o rosto de forma suave, deixando algumas ruguinhas para ficar com aspecto natural, sem cicatriz.

Qual o padrão de beleza que faz mais sucesso hoje? Ninguém quer mais ser Pamela Anderson e colocar próteses de 500 milímetros de silicone em cada seio. Da mesma forma, ninguém quer envelhecer e parecer um boneco de cera. Quem procura plástica hoje quer ser bonito e normal. As mulheres preferem ficar parecidas com a Gisele Bündchen ou com a Jennifer Aniston.

A tendência atual da plástica é a naturalidade. Ninguém mais quer ficar com o rosto totalmente repuxado. O ideal é parecer mais jovem, mas não negar totalmente a idade. A atriz Sonia Braga é um exemplo de quem usou a plástica a seu favor. Ela está perfeita, linda, bem natural. Quem exagera na plástica corre o risco de parecer uma pessoa muito velha querendo ficar muito jovem.

É possível saber quando a plástica é necessária e quando há um exagero?
Um médico tem de saber identificar se a cirurgia é necessária ou não, inclusive rejeitar o paciente. Eu fiz isso inúmeras vezes, para o bem do paciente. A busca pela juventude está fazendo muita gente enlouquecer. Um de cada seis pacientes que procuram um cirurgião plástico nos Estados Unidos sofre de dismorfia, ou seja, tem uma percepção alterada de sua aparência real. Quem tem dismorfia precisa de ajuda de um psiquiatra, não de um cirurgião.

110 | 15 DE JULHO 2009 | VEJA

Figura 1. Revista Veja, Edição especial “Longevidade, como viver mais e melhor”, Edição 2121 de 15 de julho de 2009. (p.110)

Não por acaso, verifica-se a frequência de programas televisivos⁵² dedicados ao tema, e que pingam a conta-gotas receituários milagrosos para a conquista e manutenção do corpo jovem. Para além da nova roupagem conferida a procedimentos tradicionais, a inserção pós-moderna no corpo feminino arrola uma série infinita de recursos laboratoriais e tecnológicos.

É a tecnociência produzindo novos corpos, como diria Goellner (2003). É o corpo ainda sujeito a hierarquizações. Na visão da autora, as intervenções que nele operam, ao mesmo tempo em que oferecem liberdades, invocam estratégias de autocontrole e interdição. “A promessa de uma vida mais longa e saudável é acompanhada, por exemplo, de inúmeros discursos e representações que autorregulam o indivíduo tornando-o, muitas vezes, vigia de si próprio” (p.38).

⁵² Dr. Hollywood (Rede TV), Nip e Tuck (Canal Fox).

LONGEVIDADE... MEDICINA

A ciência da vida longa

A EXPECTATIVA DE VIDA AUMENTOU EM TODO O MUNDO; O DESAFIO É FAZER COM QUE ESSES ANOS A MAIS SEJAM VIVIDOS COM SAÚDE E ALEGRIA

A fantasia de permanecer jovem para sempre acompanha o homem, provavelmente desde o início da civilização. Embora seja impossível deter a marcha do calendário, nos últimos 100 anos, a medicina deu passos largos no sentido de retardar processos ligados ao envelhecimento. Primeiro vieram as melhorias nas condições sanitárias, a descoberta das vacinas, a invenção dos antibióticos e dos recursos para combater doenças como o diabetes, os males cardíacos e alguns tipos de câncer. Todos esses avanços resultaram na adição de anos na expectativa de vida da população. Agora, está em curso um novo e revolucionário capítulo da ciência da longevidade. O que se procura é proporcionar qualidade de vida e uma existência feliz às populações que estão vivendo mais. Nos últimos três décadas, a expectativa de vida aumentou em onze anos no

cinas, a invenção dos antibióticos e dos recursos para combater doenças como o diabetes, os males cardíacos e alguns tipos de câncer. Todos esses avanços resultaram na adição de anos na expectativa de vida da população. Agora, está em curso um novo e revolucionário capítulo da ciência da longevidade. O que se procura é proporcionar qualidade de vida e uma existência feliz às populações que estão vivendo mais. Nos últimos três décadas, a expectativa de vida aumentou em onze anos no

QUINZE ANOS DE CONQUISTAS
Avanços que ajudaram a aumentar a expectativa de vida

- **HUMOR**
 - O stress, a depressão e a ansiedade diminuem a resistência imunológica, o que deixa o organismo mais vulnerável. Descobriu-se que encarar a vida positivamente reduz os riscos de depressão e ansiedade.
 - Os medicamentos para tratar esses distúrbios estão mais eficientes e com menos efeitos colaterais.
- **ARTÉRIAS**
 - Novos exames, como a angiotomografia, o ultrassom de carótidas e a ressonância magnética, permitem observar o interior e a parede das artérias com grande precisão. Medicamentos como os anti-hipertensivos e as estatinas, que reduzem o colesterol ruim, o LDL, ficaram mais potentes e seguros.
 - Os exames e os medicamentos de última geração auxiliam os médicos a criar estratégias personalizadas para prolongar a boa saúde cardíaca.
- **MAMA E ÚTERO**
 - Mamografias digitais, com qualidade de imagem superior, permitem a detecção de tumores de 1 milímetro. A vacina contra o HPV, lançada em 2006, evita até 99% dos casos de câncer de colo de útero.
 - Tumores na mama, se detectados em fase inicial, têm 90% de chance de cura. O papilomavírus humano, o HPV, é responsável por 99,8% dos casos de câncer de colo de útero.
- **OSSOS E ARTICULAÇÕES**
 - Exames mais modernos detectam precocemente inflamações articulares. Novos remédios ajudam a tratá-las. Nos últimos cinco anos, surgiram medicamentos contra a osteoporose que requerem doses menores, combatem a perda óssea e ajudam a construir novo tecido ósseo.
 - A artrose, uma condição incapacitante e crônica, a expectativa de vida em dez anos. O diagnóstico precoce e os novos medicamentos podem curar a doença. A osteoporose também pode ser medicada preventivamente.
- **PRÓSTATA**
 - Foram criados exames de sangue para medir o PSA (prostate specific antigen), um tipo de proteína produzida em maior quantidade em próstatas cancerosas.
 - Apesar de não substituírem o exame de toque retal, os exames de sangue que medem o PSA são aliados na detecção precoce do câncer, o que ajuda os médicos a elaborar tratamentos individualizados.

Fontes: Elaine Oehler e Raul Santos, cardiologistas; Wilson Charafeddine, neurologista; Nelson Maia, gerontologista; Paulo Hoff, imunologista; e Gerardo Baffone, pneumologista

14 | 15 DE JULHO DE 2009 | VEJA

Figura 2. Revista Veja, Edição especial “Longevidade, como viver mais e melhor”, Edição 2121 de 15 de julho de 2009. (p.68-69)

Considerando que os discursos não designam realidades objetivas, pois comportam outra dimensão carregada de relações, as representações de natural, jovem, ideal e belo requerem uma atenção maior. Não existe uma única aparência jovem, mas inúmeras, próprias de variadas conformações culturais. O mesmo em relação à aparência bela e ao corpo saudável. A gordura, que no início do século XX ainda era sinônimo de formosura (SANT’ANNA, 2001), não o é em tempos atuais. Os cabelos crespos, a celulite, a estatura baixa, o nariz largo, o ventre feminino protuberante e a flacidez mereceram valorização distinta conforme o tempo e espaço. O mesmo pode ser dito com relação à morte ou ao envelhecimento.

Com sua incorporação à técnica da economia moderna, a morte vem enfrentando desde a modernidade uma progressiva perda simbólica de terreno. Atualmente, a ambição de limitar a morte é acompanhada por uma frenética busca pela eternidade. A naturalidade do envelhecimento do corpo deu lugar à manutenção artificial da juventude, transformada em objeto de consumo por meio da medicina e das técnicas de embelezamento. O desejo pela eterna juventude tampouco é exclusividade da nossa sociedade. Mitos que relatam fontes de rejuvenescimento estão presentes em diversas

culturas. Em perseguição a essa utopia, desenvolveram-se variadas tecnologias: óculos, água tratada e encanada, escova e pasta de dentes, cosméticos etc., todas visando livrar-nos, em alguma medida, do destino de carcaça mortal.

LONGEVIDADE... JOVENS POR MAIS TEMPO.

A mãe
A empresária Mara Lúcia Saralho, 52 anos: "Tenho as pernas rasas, algumas peças idênticas às da minha filha."

A filha
A modelo Daniela Saralho, 25 anos: "Minha mãe é jovial e ativa, o que faz dela uma ótima companhia para qualquer hora."

NUM MUNDO EM QUE SE VIVE POR MAIS TEMPO E COM MAIS SAÚDE, A IDADE REAL SE TRADUZ PELO ESTILO DE VIDA, E NÃO PELO CALENDÁRIO

as últimas três décadas, a expectativa de vida aumentou mais do que em qualquer outro momento na história na maioria dos países. No Brasil, ela pulou de 62 anos, em 1980, para 73, hoje. Essa evolução fez com que o próprio conceito de velhice fosse reformulado. Já não se espera dos sessentões que se aposentem e passem os dias de pijama numa cadeira de balanço. Cada vez mais aposentados voltam ao mercado de trabalho por motivos diversos, como manter-se atualizado ou complementar o orçamento. O aumento da longevidade propiciou o surgimento de outro fenômeno, desta vez no terreno do comportamento — o de pessoas maduras que cruzam as fronteiras entre as gerações e não apenas agem, mas também se sentem como se fossem mais jovens. São homens e mulheres que já passaram dos 40 ou 50 anos, gozam de boa saúde, disposição e acreditam que os hábitos de vida e a forma de se expressar não devem se atirar à idade, mas à personalidade de cada um. Os americanos, sempre rápidos em dar nome aos fenômenos culturais, os chamam de *ageless* (sem idade, em português). "No mundo de hoje, em que vivemos mais e melhor, a idade cronológica deixou de ser tão relevante para determinar o modo de vida de uma pessoa. O que mais importa é sua capacidade no terreno funcional, social e emocional", diz o gerontologista carioca Alexandre Kaliche, conselheiro da Academia de Medicina de Nova York e ex-diretor do programa de envelhecimento da Organização Mundial de Saúde. Com essa espécie de democratização da juventude, produtos e serviços antes direciona-

Os sem-idade

12 | 15 DE JULHO DE 2009 | veja

12 | 15 DE JULHO DE 2009 | veja

Figura 3. Revista Veja, Edição especial “Longevidade, como viver mais e melhor”, Edição 2121 de 15 de julho de 2009. (p.62-63).

Na pós-modernidade, a sociedade de consumo traz em seu bojo padrões que apontam para uma beleza inatingível. Mesmo as profissionais da imagem, selecionadas como portadoras do corpo considerado belo, têm suas fotos submetidas a retoques feitos por computador antes de sua reprodução em larga escala nos meios de comunicação. Como se verifica, apesar da variedade de tecnologias como cirurgias plásticas, dietas, programas de atividade física e outros tratamentos de beleza, a perfeição corporal, exigida ou desejada, não pode ser plenamente atingida, não está ao alcance das mãos. Bem ao tom da pós-modernidade, é necessário produzir o simulacro, reinventar a realidade (SILVA, 2001).

A mudança de ideal de corpo feminino ocorrida nos anos 60 provocou a substituição da imagem da mulher de pernas sempre fechadas, vestido longo e cintura comprimida pela mulher de biquíni, minissaia, cabelos soltos e pele bronzeada. A segunda seria mais natural, em contraposição à

criticada artificialidade e rigidez da primeira. Semelhante libertação trouxe, paradoxalmente, um novo tipo de sujeição, à qual Sant'Anna (2001) intitula “totalitarismo fotogênico”. Todas as partes do corpo, inclusive aquelas que antes permaneciam escondidas sob o véu da intimidade, precisam se tornar fotogênicas, belas e sensuais. O direito à publicidade sob a forma dessa demanda de exposição total absorve o direito à privacidade. A liberdade de modificar o próprio corpo, soltando as amarras da genética, da cultura local e do moralismo religioso, é acompanhada de uma crescente solidão, pois cada indivíduo é chamado a arcar com as responsabilidades de tornar-se integralmente fotogênico em um mundo em que até mesmo os pretensos modelos de beleza são artificialmente modificados. O corpo chamado a converter-se integralmente em boa forma se vê inadequadamente marcado pelos traços que o definem como ente artificial, particular e local.

O que se constata é que, na pós-modernidade, os discursos proferidos sobre e no corpo não só responsabilizam os indivíduos pelos cuidados de si, entenda-se, de sua imagem, como enfatizam que somos os resultados de nossas opções (GOELLNER, 2003). Extrapolando o chavão individualizante que caracteriza estes tempos e graças ao poder da mídia na proliferação de determinadas noções, vamos, lentamente, nos tornando “responsáveis por nós mesmos, pelo nosso corpo, pela saúde e pela beleza que temos ou deixamos de ter” (p.39). Assim, sentimo-nos impelidos a assumir determinadas práticas que, mesmo com muito esforço, jamais resultarão nos objetivos desejados. Aqui se desvela toda a artimanha do processo: o que importa é perpetuar a busca do corpo jovem, manter viva a esperança no alcance da imagem perfeita, mesmo que se trate de um objetivo inalcançável para a grande maioria das pessoas.

Dentre outros mecanismos, a mídia, graças ao recurso da citacionalidade (HALL, 2000), assume um papel preponderante na internalização de uma estética caricatural, sempre definida em função de uma pretendida universalidade. Não basta, contudo, repetir incansavelmente a mesma assertiva para fixá-la. Hall (1997) elucida os modos pelos quais as ações humanas são reguladas através da cultura, como tais discursos influem na vida cotidiana dos indivíduos. Segundo o autor, é pela regulação normativa, pelos sistemas classificatórios e pela constituição de novos sujeitos que os discursos penetram na intimidade de cada indivíduo.

A dimensão normativa da regulamentação se refere a um conjunto de significados compartilhados que guiam as ações e também a leitura destas pelo outro.

O que a regulação normativa faz é dar uma forma, direção e propósito à conduta e à prática humanas; guiar nossas ações físicas conforme certos propósitos, fins e intenções; tornar nossas ações inteligíveis para os outros, previsíveis, regulares; criar um mundo ordenado – no qual cada ação está inscrita nos significados e valores de uma cultura comum a todos (HALL, 1997, p.20).

Trata-se do conjunto de normas e conhecimentos culturais que, tomados como indiscutíveis, estabelecem a forma como “normalmente” se faz, em outras palavras, aquilo que é tido como certo em uma dada cultura, o *habitus* (BOURDIEU, 1983). Nas metrópoles brasileiras contemporâneas não é raro encontrar pessoas correndo em parques e praças. Em geral, usam determinadas vestimentas, deixam regular-se pela distância percorrida ou pelo tempo empregado na atividade; outras, ainda, recorrem a ferramentas tecnológicas para supervisionar dados fisiológicos como os batimentos cardíacos ou gasto energético. Para os demais frequentadores daqueles ambientes, tais ações são consideradas absolutamente normais, pois conseguem interpretá-las significativamente na medida em que compartilham os mesmos referenciais. Correr no parque é uma conduta cultural característica da sociedade pós-moderna que, certamente, não teria sentido em culturas cujos significados de “saúde”, “atividade física”, “fitness”, “cooper” etc. fossem outros ou não existissem. Em decorrência, a regulação cultural normativa é um instrumento que define quem pertence a uma dada cultura e quem é considerado diferente, a saber, aquele que está fora dos limites discursivos e normativos adotados.

Como dissemos, não é somente pela normatividade que os discursos influem nas ações rotineiras. Uma segunda forma de regulação se dá por meio de sistemas classificatórios. São códigos culturais compartilhados que mediam a compreensão de condutas e práticas humanas como normais ou anormais, belas ou feias, certas ou erradas, aceitáveis ou inaceitáveis. Veja-se, por exemplo, o caso da Revista *Boa Forma*. A publicação mensal, sob um título bastante sugestivo, destina uma seção a relatos de experiências de mulheres que perderam peso: “Eu consegui – Histórias de sucesso”. Na sua edição de novembro de 2009, mereceu destaque a chamada “Emagreci 37 kg e descobri a minha beleza”⁵³. Como se nota, perder peso, ser uma mulher magra, significa adequar-se à norma. Em oposição, prosseguir com o mesmo peso significa fracassar. A mensagem é explícita, revela seu tom regulador ao classificar “quem consegue” como detentor do sucesso, alocando o fracasso subjetivamente em quem não consegue. Em contraponto à beleza descoberta pela mulher magra, está a feiura de quem não o é. Tais sistemas classificatórios influem diretamente na teia de relações sociais cotidianas, já que as ações em relação às pessoas se modificam a depender das categorias em que são enquadradas segundo os códigos culturais.

⁵³ Revista “Boa Forma”, abril de 2009. Disponível em <http://boaforma.abril.com.br/eu_consegui/historias-de-sucesso/emagreci-37-kg-descobri-minha-beleza-511914.shtml> Acesso em 12 jan. 2013.

Todo discurso, ao caracterizar o normal e o correto, define, ao mesmo tempo, o anormal, o errado. O discurso sobre o corpo na pós-modernidade também define os grupos excluídos, os “outros”, que não entram nessa possibilidade. Não se pode esquecer que o discurso que institui os padrões de beleza está profundamente comprometido com os traços de determinados grupos étnicos e culturais. Afinal, quem definiu os cabelos “normais” ou a “cor da pele” como adjetivos que demarcam os produtos de beleza comercializados? Claro está que alguns grupos têm mais condições sociais e econômicas de recorrer às tecnologias de embelezamento artificial do corpo, diferenciando-se, dessa forma, das pessoas “feias”, “fora de forma”, “descuidadas”, à medida que se aproximam do padrão. Em semelhança, os padrões de beleza de outros grupos étnicos, etários, regionais etc., são adjetivados de feios, errados ou imorais pela cultura dominante. É importante perceber que existe uma luta simbólica envolvida na definição de tais padrões, e que eles, ao exaltar determinadas características, desvalorizam outras. Também é importante perceber que não há nada de neutro, natural ou objetivo nesse processo, que é essencialmente discursivo e, portanto, cultural, ou seja, localizado historicamente e socialmente.

Outra peculiaridade da pós-modernidade é a relação estabelecida entre a busca pela juventude, entenda-se beleza física, e os valores morais. A gordura, por exemplo, passou de problema meramente estético a uma falha moral. A imagem do gordo é imediatamente associada a condutas condenadas, como o sedentarismo, a chamada má alimentação, a indolência, a preguiça e a lentidão (SANT’ANNA, 2001). Os pecados morais desvinculam-se da conduta sexual, tal como se dava no passado, e são atrelados à conduta alimentar. De acordo com Foucault (1993), a regulamentação do sexo a partir do final do século XIX ocorreu juntamente com sua excessiva tematização por um grande conjunto de saberes científicos. O mesmo ocorre hoje com a exposição exaustiva de endocrinologistas, nutrólogos e *chefs* apresentando a alimentação “correta” nos meios de comunicação de massas. O corpo magro e atlético, portanto, moralizado, passou a ser visto como único corpo decente. A aparência física assume condição de atestado de uma conquista ou derrota moral. O gordo incomoda em uma sociedade em que o espaço foi totalmente transformado em mercadoria, pois o ocupa desproporcionalmente. Ao mover-se de forma vagarosa, afronta uma sociedade em que tempo é dinheiro, ou seja, sua lentidão significa perda de riqueza. Ademais ofende em uma sociedade que valoriza sobremaneira a democracia, já que sua aparência sugere que come mais que os outros (SANT’ANNA, 2001).

O terceiro tipo de regulação citado por Hall (1997), equivalente às “tecnologias do eu” conceituadas por Foucault (1986), é a forma pela qual a cultura atua na constituição, ou construção,

de novos sujeitos. Trata-se da interferência na determinação do tipo de sujeito que se é por meio de uma atuação sobre a subjetividade, introjetando um dado regime de significados e práticas. Ao invés do controle pela coerção, os indivíduos são levados a, subjetivamente, regularem-se a si mesmos. Isso ocorre quando motivações e aspirações pessoais e subjetivas do sujeito são alinhadas às motivações de uma dada organização, empresa ou grupo.

Entendemos que as explicações fornecidas por Hall (1997) acerca do modo de regulação das ações humanas são bem empregadas pelos discursos midiáticos que abarcam o corpo feminino. Afinal, qual a intenção das manchetes e *slogans* relacionados senão sugerir normas, classificar corpos e constituir sujeitos? É bom frisar que um corpo padrão, que apresente as mesmas necessidades e desejos, tenderá a consumir produtos semelhantes, passíveis de fabricação em larga escala, bem ao gosto dos mercados globalizados. No fundo, quem dita os discursos sobre o corpo é o mercado. Antes de cair na armadilha da homogeneização corporal, pontue-se o caráter complexo e dinâmico da cultura.

A homogeneização cultural⁵⁴ obedece a uma geometria do poder que garante distribuição irregular da cultura mundial pelos diferentes pontos do globo. Muito embora o crescimento de transnacionais da comunicação tenha gerado a estandardização dos produtos culturais, paradoxalmente, a forma de distribuição de tais bens e o seu alcance seguem irregulares. Grande parte dos trabalhadores de países subdesenvolvidos não tem acesso às informações veiculadas pelas tecnologias de cujo processo produtivo eles mesmos fazem parte. (BIERNATZKI, 2000).

Paralelamente à homogeneização, há movimentos de diferenciação, conservadorismo, resistência e oposição. Formam-se grupos e subgrupos que afirmam culturas particulares, com valores e significados próprios e, em muitos aspectos, diferentes daqueles veiculados pela grande mídia. Enquanto os mais velhos perseguem uma aparência juvenil, os jovens diferenciam-se pela aproximação de uma nova artificialidade. O fazem por meio de recursos como a pintura do cabelo em cores artificiais ou o uso de *piercings* e tatuagens. Além da diferenciação etária, processos semelhantes ocorrem em função de agrupamentos étnicos, socioeconômicos ou regionais. Há, portanto, uma diversificação de padrões, uma segmentação da sociedade em diferentes grupos para além das forças homogeneizantes propagadas pelos meios de comunicação de massas.

Acresça-se, também, o fato de que a cultura global necessita da diferença, o que coloca os significados em permanente negociação. Se, por um lado, a cultura global incorpora e reproduz a

⁵⁴ Processo que, segundo Hall (1997), tem início com a expansão dos meios de produção e circulação de significados a partir da chamada revolução cultural do século XX.

diferença, veiculando uma certa noção do diferente (HALL, 1997), por outro, as representações postas em circulação serão sempre reinterpretadas, decorrendo na criação de formas de identificação global e local. Um mesmo discurso sobre o corpo poderá ser rapidamente assimilado por determinados grupos e rejeitado por outros. A temida homogeneização cultural, especialmente quando se trata das questões corporais, não ocorrerá sem resistência, negociação e transgressão. A todo momento há oposição aos significados veiculados. A todo o momento se realizam reinterpretações.

Considerações finais

O exame de alguns dos discursos sobre o corpo feminino veiculados pela mídia e da regulação que estes exercem possibilitou observar que, nos tempos atuais, recai sobre a pessoa a responsabilidade de “decidir sozinho[a] e permanentemente sobre o que deve ser comprado, vendido, consumido em nome de sua saúde e bem-estar” (SANT’ANNA, 2001, p.25). Cada mulher se torna, conseqüentemente, responsável por si mesma. Nesse caso, o “si mesma” é um negócio, que envolve decisões arriscadas sobre o que comprar, vender e consumir para acompanhar a norma. Evidenciou-se que a emancipação das lógicas tradicionais teve como consequência o aumento de responsabilidades e cobranças sobre as mulheres. Em decorrência dessa carga, não é raro ver-se associadas ao individualismo contemporâneo doenças como a depressão e a compulsão, quase sempre ligadas ao receio de não corresponder à posição de sujeito tão reclamada pelos discursos homogeneizantes.

A mulher, no papel de consumidora de parcelas de saúde, beleza e bem-estar, é responsabilizada pelos benefícios e perdas decorrentes de suas escolhas e ações. Como se viu, enunciados sobre o corpo, saúde e beleza presentes na mídia veiculam significados fundamentais na construção de tais escolhas e ações, por meio das lógicas da normatividade, classificação e constituição de subjetividades. O discurso midiático propaga a imagem do ideal de beleza vinculado a uma concepção específica de juventude. Recorrendo à ciência, tal imagem é apresentada como descrição objetiva do corpo humano, conceito geral e universal, retrato fiel da realidade. Na base de tais discursos está o pressuposto da existência de uma constituição física própria do que seja a tão propalada “juventude”, que desconsidera as especificidades étnicas e culturais para apropriar-se de significados particulares e localizados, generalizando-os.

A adoção de uma perspectiva de linguagem como reveladora do interior dos sujeitos permitiu compreender a noção de corpo jovem como elemento integrante de um dinâmico e conflituoso jogo de significação. Por meio da lógica do saber-poder, a juventude e a beleza apresentadas como normas permeiam as relações entre indivíduos e deles consigo mesmos, atuando na constituição da identidade e da diferença. Embora sejam apresentadas como dados objetivos universais, a análise cultural desenvolvida denuncia seu pertencimento a sistemas simbólicos localizados cultural, temporal e geograficamente, que exaltam certas representações de corpo feminino em detrimento de outras. Atrelados a uma rede dinâmica de negociação de significados (a mídia), cujos efeitos oscilam entre os movimentos de homogeneização e diferenciação, os atributos juventude e beleza promovem, simultaneamente, a inclusão e a exclusão, o que evidencia a imersão de tais enunciados em uma luta de poder essencialmente discursiva.

Referências

- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto / UNESP, 2000. p.607-639.
- BIERNATZKI, Willian. Globalização da comunicação. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 7, n. 19, p.46-65, set./dez. 2000.
- BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- DERRIDA, Jacques. **Posições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- _____. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p.197-223, nov. 2001.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
- _____. **História da Sexualidade**. Vol I: A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- _____. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GOELLNER, Silvana Viloldre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Viloldre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p.28-40.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p.15-46, jul./dez. 1997.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p.103-133.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa (Org.). **Currículo: questões atuais**. Campinas: Papirus, 1997.

SANT'ANNA, Denise Benuzzi de. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOARES, Carmen Lúcia (Org.). **Corpo e história**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

Anexo – Corpus de análise

Revista Veja. Edição Digital de 14/12/2009. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/aparencia-jovem-pode-significar-vida-mais-longa>>. Acesso em 11/01/2013

Revista “Boa Forma”, abril de 2009. Disponível em http://boaforma.abril.com.br/eu_conseguir/historias-de-sucesso/perdi-35-kg-ganhei-prazer-me-cuidar-506599.shtml Acesso em 12 jan. 2013.

“10 Anos Mais Jovem”. Disponível em <<http://www.sbt.com.br/dezanosmaisjovem/>>. Acesso em 12 jan. 2013.

Revista Veja, Edição especial “Longevidade, como viver mais e melhor”, Edição 2121 de 15 de julho de 2009. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/150709/sumario-especial-longevidade.shtml>> Acesso em 12 jan. 2013.

Revista “Boa Forma”, abril de 2009. Disponível em <http://boaforma.abril.com.br/eu_conseguir/historias-de-sucesso/emagreci-37-kg-descobri-minha-beleza-511914.shtml> Acesso em 12 jan. 2013.